



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

“Não sei, só sei que foi assim!” A percepção popular acerca de Deus, do Demônio e dos Santos no *Auto da Compadecida*

“I don’t know; I just know that it was like this!” The popular perception about God, the Devil and the Saints in the play *Auto Compadecida*

Gladson Pereira da Cunha *

Lucas Soares dos Santos**

Resumo

O presente artigo analisa o texto de *O Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, retirando do mesmo os temas teológicos populares, fazendo-os dialogar com a teologia oficial tanto católica como protestante. A *teologia popular* tem sido a crença que abastece a *religiosidade popular* tão presente nas comunidades rurais, as quais se encontram distantes dos centros gerenciadores da religião oficial.

Palavras-chave

Teologia. Literatura. Religiosidade popular. Divindade. Demônio.

Abstract

This paper analyzes the Ariano Suassuna’s text *O Auto da Compadecida*, searching for popular theological themes and setting them into a dialogue with the official Catholic and Protestant theologies. *Popular theology* has been the belief that supplies the *popular religiosity* present in inland communities, which are distant from the managers of the official religion.

Keywords

Theology. Literature. Theater. Popular Religiosity.

[Texto recebido em agosto de 2015 e aceito em outubro de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie; Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia da mesma Universidade. Especialista em Filosofia e Psicanálise pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor da graduação em teologia da Escola de Ensino Superior Fabra, Serra/ES. E-mail: gladsoncunha@gmail.com.

** Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Professor do Seminário Teológico Batista da Região dos Lagos, Cabo Frio (RJ). E-mail: lucas_stbrl@hotmail.com.

Considerações Iniciais

O Auto da Compadecida é, sem dúvida, a obra mais popular do escritor paraibano Ariano Suassuna, principalmente do sucesso da minissérie homônima dirigida pelo pernambucano Guel Arraes, a qual deu origem também a um longa-metragem resultado de cortes na montagem inicial.¹ A versão televisiva do *Auto*, entremeado de elementos de outros textos de Suassuna, como *O Santo e a Porca* (1957) e *A Pena e a Lei* (1959) e cortes no enredo original, ganhou uma aura de uma comédia *blockbuster*. Apegando-se apenas ao humor existente seja no sotaque caricato, nas caras e bocas de João Grilo ou nas descaradas mentiras de Chicó, além de ser removido todo aquele objetivo inicial do texto, isto é, além de entreter e ensinar algo acerca da realidade, da existência ou da moral.

Mais do que uma comédia burlesca, *O Auto da Compadecida* é um apanhado da uma tradição popular e religiosa acerca da vida como é vista pelo povo do nordeste brasileiro, uma vez que o mesmo se baseia em textos anônimos da sua tradição popular.² Um retrato que Suassuna construiu a partir do que sentia – ou do que ainda sente – o povo, do mesmo povo que ele também retirou seus personagens, as situações e experiências de cada um deles, além das suas crenças.

Um elemento comum aos autos medievais, como os de Gil Vicente, é a presença de *seres* divinos e diabólicos – a tríade medieva: Jesus, a virgem Maria e o demônio – em suas mais diversas formas. A presença desses *seres*, como personagens da encenação cósmica e moral dos autos, tem mais a ver com a teologia recriada pela mentalidade popular do que necessariamente com a teologia oficial apresentada pelos homens do clero. Essa teologia recriada tem estado presente na mentalidade do povo cristão desde os primórdios, quando a necessidade de uma explicação de um tópico da crença não tinha como ser explicada oficialmente. Nesse caso, o que se tem é uma reformulação não autorizada, mas, em muitos casos, tolerada da teologia por parte do clero.

O objetivo, portanto, deste artigo é fazer uma leitura dessa teologia popular, combustível ideológico para a *religiosidade popular nordestina*, que de outras formas semelhantes se faz presente por todo Brasil, através da análise da obra *O Auto da Compadecida*, na qual autor remete o leitor à compreensão simples, porém, revestida de grande simbolismo, do ideário popular acerca de elementos proeminentes dentro da dogmática cristã, tanto católica como protestante.

¹ Houve outras produções cinematográficas dessa obra de Suassuna: A COMPADECIDA. Direção: George Jonas. [S.l.]: Norcine Indústria Cinematográfica Unifilme, 1969. (92min). Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0139945/>. Acesso em 22 de outubro de 2012. OS TRAPALHÕES E O AUTO DA COMPADECIDA. Direção: Roberto Farias. [S.l.] Embrafilmes, 1987. (104 min). Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0139660/>. Acesso em 22 de outubro de 2012.

² TAVARES, Braulio. *Tradição popular e recriação no "Auto da Compadecida"*. In: SUASSUNA, A. *O Auto da Compadecida*, 35ª ed. Rio de Janeiro: AGIR Editora, 2005, p.175.

Tentativa de uma definição de Teologia Popular

O étimo do termo *teologia* tem a ver com os tratados e o conhecimento sistemático de Deus. Porém, em um uso mais amplo, serve para descrever todo o esforço para compreender as questões ligadas à divindade e seus temas que estejam relacionados a ela.³ Deste modo, a teologia seria a busca de explicações para todos os elementos pertencentes à fé de um grupo. Nesse conjunto dogmático a existência e ontologia do divino tem um destaque, uma vez que a partir das considerações do seu ser é que seria possível interpretar os demais elementos criados por ele. Assim, anjos e demônios, o ser humano e, no caso de uma teo-logia católica latina ou grega, os santos tem um capítulo reservado para sua descrição e estudo.

Em *O Auto da Compadecida*, Suassuna recupera crenças que necessariamente não estão registradas em nenhum manual de teologia cristã, seja ele católico ou protestante, mas que foram formadas à partir da interpretação que determinados grupos fizeram do ensino oficial, a fim de torná-lo mais compreensível e criar "um sistema de símbolos que obra para estabelecer vigorosos, penetrantes e duradouros estados anímicos e motivações nos homens".⁴ A essa reinterpretação popular pode ser denominada como teologia popular, e é justamente esse modo de teologia que se tornaria o combustível da religiosidade popular. E de fato, a religiosidade do catolicismo popular brasileiro é "matriz da fé de um povo".⁵

A religiosidade popular pode ser definida como a expressão religiosa construída por um grupo a partir de uma dialética entre seu entendimento daquilo que é ensinado pela religião oficial e as diversas experiências que o grupo tem com as mais diferentes manifestações com que o sagrado se apresenta. Pode-se dizer que a religiosidade popular surge a partir de um sistema de referência. Ela é *referente* dos elementos da religião oficial, isto é, neste caso específico, o catolicismo romano.

Neste sentido, ela elaboraria seus *dogmas* ou crenças tendo como base aquilo que a última adota como o modo correto de crer, os quais são repassados ao de maneira informal pelas gerações do grupo, principalmente, naqueles recônditos desassistidos pela religião oficial. No Brasil, isso acontece principalmente no catolicismo romano, porém, há registro que essa prática pode ser encontrada em certos seguimentos do protestantismo.⁶

Aliás, Suassuna recupera, em *O Auto da Compadecida*, elementos muito comuns, próprios da teologia popular europeia do medievo. Isso fica ainda mais evidente na trinca *Deus, a Virgem e o demônio*, que é o tópico deste trabalho.

³ OTT, 1966, p. 25; BERKHOF, 2001, p. 19.

⁴ GEERTZ, Clifford. *La Interpretación de las Culturas*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003. p. 89.

⁵ RUBENS, Pedro. *O Rosto Plural da Fé: Da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 37.

⁶ CUNHA, Gladson Pereira da. *Religiosidade e protestantismo*. São Paulo: Editora Reflexão, 2012. p. 277-359; RIBEIRO, Lídice Meyer Pinto. *Mapeamento do protestantismo rural no lençol de cultura caipira brasileiro*. In: Caderno CERU, São Paulo, v. 19, n.º. 2, dez. 2008. p. 113-128.

A medievalidade se faz notar ainda, em Suassuna, através da técnica do teatro épico cristão, com suas modalidades específicas e seus personagens estereotipados. Isto ocorre porque a Idade Média é o espaço em que floresceu uma dramaturgia que associa o religioso e o popular através das oposições litúrgico/ profano e sério/ jocoso. E sobretudo porque, sendo a cultura popular nordestina acentuadamente medievalizante, aquela marca atua como uma espécie de fonte para o próprio romancista, onde o aspecto religioso se reforça não só por causa da religiosidade popular da região como também pela opção pessoal da crença do autor, convertido ao catolicismo na maturidade. Por isso as peças de Suassuna se revestem de traços ideológicos próprios da Idade Média, como o maniqueísmo e o tom moralizante.⁷

Deus, Santos e Demônios no Auto da Compadecida

Em geral, o tópico inicial da dogmática cristã é o tratado acerca de Deus. Esse tópico analisa, em geral, o ser e os atributos divinos e na elaboração de uma "dogmática popular" não poderia ser diferente.

No entanto, pensando nas categorias eleadeanas de sagrado e profano, pelas quais o cosmos é o ambiente consagrado no qual o divino e o humano interagem em harmonia e o caos seria o ambiente não harmonizado e não consagrado povoados de espectros e demônios, a *dogmática popular* distingue todos esses seres sobrenaturais em dois grupos distintos. Isto se dá porque o universo da religiosidade popular possui um elemento dualista-maniqueísta, isto é, a existência conflitante entre duas forças opostas: o bem e o mal. Essas forças se digladiariam pela conquista de pessoas e suas almas para seu campo de influência. Deus contra o diabo; o primeiro querendo os homens para o *seu* céu, o segundo desejando homens para *seu* inferno.

Dentro desse universo, um terceiro elemento que aparece é a figura do santo. Na crença popular o santo seria o intermediário humano entre *Deus e os homens*. Eles, que se aproximam dos homens, por serem homens, e também de Deus, por estarem no céu, executam o papel de intercessores das graças divinas em favor dos seus devotos. A definição dessa religião santorial no Brasil do final do século XIX, feita por Antonio Mendonça, tem muito a dizer sobre esse tema:

A religião santorial do homem pobre revela um colorido político pela presença de numerosos santos de devoção regional, familiar e pessoal. Isto não afasta a crença cristã institucionalizado no "Deus único e verdadeiro". [...] Este fato pode ter favorecido as formas de especialização dos santos, o que não excluía as devoções familiares e pessoais, que às vezes não levavam em conta as especializações. O santo da casa servia para todas as ocasiões.⁸

⁷ VASSALO, Lúcia. *O Sertão Medieval: Origens européias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio De Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 29-30.

⁸ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. p. 204.

Os santos se tornaram seres especialistas dentro no mundo da religiosidade popular. Um exemplo muito conhecido é a relação de entre são José, o carpinteiro de Nazaré e pai adotivo de Jesus Cristo, que também é padroeiro do estado do Ceará, e a tão necessária chuva. Neste caso, chuvas no dia 19 de março, dia de são José, é sinal de um inverno com chuvas, o que para o agricultor sertanejo é algo bem-vindo. Ou seja, São José controla as chuvas, como também se crê que são Pedro também o faz – “ele tem a chave dos céus” (cf. Mt.16.19). E outras tantas especialidades são repartidas entre os santos e santas que povoam o panteão da religiosidade popular e oficial.

Mendonça ainda considera que essa religião santorial popular deveria estar por trás de toda a prática religiosa do homem simples dos rincões brasileiros, por causa da “necessidade de uma proximidade maior com o sagrado, uma intimidade mesmo, exigia uma forma de intermediação que não se tinha à mão pela ausência do sacerdote”.⁹ A proximidade com o sagrado em detrimento da não existência de um serviço religioso constante. O espaço não preenchido pelo sacerdote, um mediador homem, poderia ser preenchido por outro mediador igualmente homem, porém elevado a um maior grau de intercessão por estar, de fato, na luz da face de Deus.

Esse era o papel do santo. Muito mais tratável que muitos sacerdotes. E mais próximo das demandas cotidianas do fiel, o qual por sua vez dedica-se ao santo diariamente com suas preces, velas, flores, oratórios e, até mesmo, capelas sempre bem cuidadas, como uma forma de demonstrar gratidão pela presteza de sua intercessão e cuidados.

Mas não somente de santos vive a teologia e religiosidade popular brasileira e, mais especificamente a nordestina. Na literatura bíblica e na tradição judaico-cristã o diabo aparece como uma espécie de membro da corte celestial com um entre os demais anjos, cuja função encontra-se presente em seu nome *Satanás: o Acusador*.¹⁰ Esta condição pode ser percebida no texto de livro de Jó 1.6-12:

6Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles. 7Então, perguntou o SENHOR a Satanás: Donde vens? Satanás respondeu ao SENHOR e disse: De rodear a terra e passear por ela. 8Perguntou ainda o SENHOR a Satanás: Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal. 9Então, respondeu Satanás ao SENHOR: Porventura, Jó debalde teme a Deus? 10Acaso, não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra. 11Estende, porém, a mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face. 12Disse o SENHOR a Satanás: Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a mão. E Satanás saiu da presença do SENHOR. [Grifo nosso]

⁹ MENDONÇA, 2008, p.204.

¹⁰ O termo grego Σατανας é um hebraísmo derivado de *Satan*, que encontra outra variante na língua grega διάβολος (lit. *o que traz acusações, o que insiste*), de onde se tem, em português, o nome *diabo*.

É nítido, no texto grifado, que o diabo teria acesso à presença divina, com Deus poderia dialogar e ao mesmo tempo se opor e ainda lhe obedecer (Jó.1.12). No entanto, não só de um ser bem composto e articulado é construída a imagem do demônio na Bíblia.

O demônio bíblico é descrito por figuras de tamanho horror. Para Gouveia, pela Bíblia pode-se ouvir o rumor do dragão, da antiga serpente, do leviatã e outros monstros da mitologia judaica que serviria para descrever o lugar e o papel do diabo dentro da religião judaica com também da cristã.¹¹ Em todos os casos, essas descrições são arquétipos do anticristo ou anti-Deus.¹²

Dentro do cenário da religiosidade popular brasileira, a figura do demônio é algo tão antigo quanto a própria descoberta destas terras pelos portugueses, ou ainda mais antiga, quando o primeiro indígena pôs os pés aqui e se amedrontou com os sons e ruídos vindos das matas. Aliás, como descreveu Laura de Mello e Souza, os próprios índios era considerados o povo do diabo, como afirmavam os jesuítas.¹³ Desta forma, o diabo também seria senhor das terras descobertas, de modo que o ele "não entregaria o seu povo de mão beijada ao inimigo; a cada avanço da evangelização, ele esbravejava, demonizando a natureza e se inscrevendo no cotidiano".¹⁴

Contudo, a imagem do demônio nem sempre era de causar espanto. O fato de muitas vezes também ser posto em oposição a Deus, como se seus equivalente malévolos fosse, o diabo era considerado na religiosidade popular colonial uma espécie de outro Deus, ao qual poder-se-ia recorrer, quando o Deus da Igreja falhasse ou demorasse.¹⁵ Isso pode ser visto, por exemplo, no próprio texto de Suassuna. Quando o Encourado aparece o bispo esboça a ideia de obedecer o demônio deitando-se.¹⁶

A figura do diabo é ambivalente. Ora é educada e obediente, ora é agressiva e impenitente. Ora impõe o medo, ora impõe a devoção. Em todo caso, essa figura sempre foi uma antítese de Deus e da sua bondade. E assim como crer em Deus, acreditar no demônio em sua ação no mundo sempre foi uma regra da religiosidade popular em qualquer recôndito do território brasileiro. Isto posto, vejamos como Suassuna descreve, em seu *Auto*, esses elementos da religiosidade popular da sua terra.

Jesus Cristo: o ser divino

Na narrativa dos autos do século XVI, Deus era representado pela figura de Jesus Cristo. Isso se deve tanto pelo fato de ser ele o fundador do cristianismo, como pelo fato

¹¹ GOUVEIA, Ricardo Quadros. *Um Rumor de Dragões: Os Monstros e os seres do Mal do Velho Testamento*. In: Reflexus - Revista de Estudos Teológicos. Vitória, v.1, nº1, 2007. p. 71.

¹² GOUVEIA, 2007, p. 71.

¹³ SOUZA, Laura de Mello. *O Diabo a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p. 68.

¹⁴ SOUZA, 2005, p.68.

¹⁵ SOUZA, 2005, p.141.

¹⁶ SUASSUNA, Ariano. *O Auto da Compadecida, 35ª ed.* Rio de Janeiro: AGIR Editora, 2005. p. 140.

desse mesmo cristianismo crer que ele era ou é o Filho de Deus que se encarnou, sendo ele uma das Pessoas da Santíssima Trindade, logo, o próprio Deus. Em *O Auto da Compadecida* não poderia ser diferente. A figura de Jesus Cristo é, na peça de Suassuna, a representação da totalidade da divindade cristã. Neste caso, Jesus aparece, quase sempre, como o *Grande Juiz* e não como o redentor da humanidade (Mt.25.31-46). Uma percepção clara de como ele é visto pela religiosidade popular: o *impassível julgador*.

Se há uma tendência em comum tanto no catolicismo como no protestantismo popular no Brasil esta é a de *subestimar* Jesus.¹⁷ Essa propensão da religiosidade popular brasileira encontra-se no fato de encarar a pessoa de Jesus sob quatro formas bem diferenciadas, como afirmou Dias Araújo: "é um Cristo morto, distante, sem poder, que não inspira respeito e docético".¹⁸ É possível, portanto, afirmar que Suassuna demonstra na sua obra dois desses modos: *a distância e a percepção docética*.

Assim, como Deus, Jesus seria transcendente à realidade humana e alheio aos anseios e inquietudes. Soma-se a isso a definição teológica da impassibilidade de Deus e pronto, não há como a gente humilde dos sertões brasileiros compreenderem que esse Deus seja confiável. Deste modo, as palavras de padre João diante da tentativa de João Grilo de *se safar* do inferno, apelando à *Misericórdia*, traduzem essa compreensão:

PADRE JOÃO: Acho que nosso caso é sem jeito, João. Uma vez estudei uma lição sobre isso e sei que em Deus não existe contradição entre a justiça e a misericórdia. Já fomos julgados pela justiça, a misericórdia dirá a mesma coisa.¹⁹

Deste modo, Jesus se torna num Deus distante, impassível e não confiável pelo seu distanciamento ontológico. Até mesmo os seus atributos, a justiça e a misericórdia, ao invés de causar a devoção dos homens, impõe-lhes, ao contrário, o terror. Além do mais, Jesus se encontraria na condição de juiz. Afinal as almas do auto estavam diante do tribunal de suas vidas. Assim, parece não haver argumento que convença o sertanejo que esse Deus possa ser benevolente. Desta maneira, o dialogo de Manuel e João Grilo soa como uma tentativa frustrada de demonstrar a impossibilidade de confiar em Deus:

MANUEL: E por quem eles iriam gritar?

¹⁷ CAMPOS, Heber Carlos de. *A Pessoa de Cristo: As Duas Naturezas do Redentor*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p.349. MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Povir*, 3ªed. São Paulo: EDUSP, 2008. p.205-206.

¹⁸ ARAÚJO, João Dias de. *Imagens de Jesus Cristo na Cultura do povo brasileiro*. In: MARASCHI, Jaci (ed.). *Quem é Jesus Cristo no Brasil?* São Paulo: ASTE, 1974, p. 46. Docetismo é um termo para designar vários movimentos teológico-filosóficos e heréticos dos primeiros séculos que colocavam em dúvida a realidade da humanidade de Jesus Cristo. Um exemplo desses movimentos é o *Gnosticismo*. Ver: SCHAFF, Philip. *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge, Vol. III: Chamier – Draendorf*. Grand Rapids: Baker Book House, 1952. p.460.

¹⁹ SUASSUNA, 2005.

JOÃO GRILO: Por alguém que está mais perto de nós, por gente que é gente mesmo.

MANUEL: E eu não sou gente, João? Sou homem, judeu, nascido em Belém, criado em Nazaré, fui ajudante de carpinteiro... Tudo isso vale alguma coisa?

Vale aqui ressaltar a busca do homem simples por aquilo que está mais próximo de sua realidade, “por gente que é gente mesmo”, porquanto, a mentalidade popular sabe que existe uma relação misteriosa entre a humanidade e divindade de Jesus Cristo, mas não consegue formular esse conceito num modelo inteligível. Suassuna descreve essa dificuldade pela boca de João Grilo:

JOÃO GRILO: O senhor quer saber de uma coisa? Eu vou lhe ser franco: o senhor é gente, mas não muito não. É gente e ao mesmo tempo é Deus, é uma mistura muito grande.²⁰

A fala de João Grilo expressa de maneira muito clara aquilo que o povo comum também tem pouco entendimento. Jesus *é gente, mas não muito*. Isso seria uma forma de *docetismo*. É e não é, apenas gente. É igual e mas é também diferente. E todas essas relações conflituosas causam igual conflito na mente do sertanejo e do homem simples do nordeste brasileiro. “É uma mistura muito grande!” E para piorar a situação, o Jesus de Suassuna está numa posição de juiz. Uma posição de imparcialidade. E tal imparcialidade põe em desconfiança aqueles que precisariam da *parcialidade* como a última possibilidade de ainda terem salvação.

Esse Jesus, portanto, não pode fazer coisa alguma pelas pobres almas daqueles que estavam diante de Manuel e do Encourado no tribunal divino. Aliás, quando Manuel entra em cena suas palavras não outras senão: “Levantem-se todos, pois vão ser julgados”.²¹ Além disso, todas as falas de Manuel são, de alguma forma, condenatórias. De alguma maneira, Suassuna deixa transparecer que Manuel tende a concordar com a suposta justiça do demônio. Vejamos o seguinte trecho:

ENCOURADO: É, você está muito engraçado agora, mas Manuel é justo e quando ele me entregar vocês, há de ver que com o diabo não se brinca.

JOÃO GRILO: E quem disse que ele vai nos entregar?

ENCOURADO: Você acha pouco? Eu não estou vendo os olhos dele, porque estou de costas, mas pressinto essas coisas. A situação está favorável para mim e preta para vocês. (Começa a rir e todos começam a tremer).

MULHER: É verdade, senhor?

²⁰ SUASSUNA, 2005.

²¹ SUASSUNA, 2005, p.147.

MANUEL: É verdade, a situação está ruim para vocês, porque as acusações são graves.²²

Não é, portanto, estranho que almas em julgamento tenham que se apegar a outra pessoa. Deus seria incapaz de conciliar sua justiça e sua misericórdia. E teria que ser convencido disso por outra pessoa, que fosse mais misericordiosa que ele próprio. O demônio afirmara que Manuel era *justo*, e depois ele mesmo apela a justiça. Pela pretensa justiça requerida do Encourado, Manuel deveria ser justo e condenar todas as almas diante dele. Não é sem razão a necessidade da Compadecida ou dos santos.

O Encourado: os seres demoníacos

A figura do diabo é outra personagem muito comum nas montagens dos autos religiosos. Se Jesus é o arquétipo do bem, da verdade e da justiça, o Encourado, isto é o diabo de Suassuna, é o arquétipo do mal, da mentira e da injustiça. Nesta função, o demônio estaria em franca oposição ao propósito divino, tal como demonstrou o teólogo reformado Hermann Bavinck: "Há uma realidade espiritual do mal, na qual inumeráveis demônios, espíritos impuros e maus, cada um mais iníquo que o outro, são servos e no qual Satanás é o chefe e cabeça. [...] Da mesma forma que Deus faz o bem, Satanás faz o mal".²³

Mesmo com apenas duas características elementares, o *Demônio* e o *Encourado* aparecem em cena representando toda a estrutura demoníaca, que tanto a teologia popular quanto a oficial considera como existentes (Ef. 6.12). Contudo, uma confusão teve lugar no cristianismo desde a Idade Média. Paulatinamente, o demônio foi sendo colocado em evidência. O ensino pastoral passou a priorizar o mal e suas consequências, ao invés de dar atenção ao foco da religião, Deus e seu amor.²⁴ Até mesmo os reformadores não abriram mão desse modelo de pregação.²⁵

No Auto da Compadecida, o demônio *chefe* é chamado de *Encourado*. Essa designação está presente no imaginário popular do sertanejo nordestino, e refere-se a uma aparição fantasmagórica de um boiadeiro muito moreno devidamente trajado num *terno de couro*, isto é, chapéu, gibão, guarda-peito, luva, perneira e botas. Monta em seu cavalo, o *Encourado* cavalgaria pelos espinhosos e rústicos campos nordestinos, trazendo o mal e assustando as pessoas. O demônio menor é apresentado também vestido de boiadeiro por meio de elementos mais sensíveis - "desde que cheguei que comecei a sentir um cheiro ruim danado. Essa peste deve ser um diabo", diz João Grillo.²⁶ Esse demônio é subserviente, obedecendo à lógica da estrutura hierárquica demoníaca,

²² SUASSUNA, 2005, p.159-160.

²³ BAVINCK, Hermann. *Teologia Sistemática*. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP, 2001, pp.244-245.

²⁴ NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru: EDUSC, 2002, p.48.

²⁵ SOUZA, 2005, p.53.

²⁶ SUASSUNA, 2005.

Silêncio! Chegou a hora do silêncio para vocês e do comando para mim. E calem-se todos. Vem chegando agora quem pode mais do que eu e do que vocês. Deitem-se! Deitem-se! Ouçam o que estou dizendo, senão será pior!²⁷

Suassuna deixa bem evidente esse conceito na reação que as almas têm quando percebem a aproximação do assecla demoníaco e, posteriormente, a aparição do próprio Encourado. As almas sertanejas do Auto praticamente reverenciam o demônio e lhe submetem sem questionamento, antes que o *amarelo* João Grilo reivindique o direito de ser julgado pelo Supremo Tribunal divino. A partir daí, vê-se a característica mais nítida do diabo: ser acusador. Essa é uma descrição bíblica do diabo:

E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos. Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus (Ap.12.9-10).

A figura popular do demônio, no entanto, é um tanto ambígua. De um lado, ela segue toda perspectiva teológica oficial, a qual personifica o demônio como o mal, o que, por sua vez, deveria geraria a ideia de um ser pavoroso que imporá o medo e o pavor às pessoas, que por algum motivo presenciasse alguma de suas aparições, como acontece no seguinte trecho do Auto:

ENCOURADO: Que vergonha! Todos tremendo! Tão corajosos antes, tão covardes agora! O Senhor Bispo, tão cheio de dignidade, o padre, o valente Severino... E você, o Grilo que enganava todo o mundo, tremendo como qualquer safado!

JOÃO GRILO: Que é que posso fazer? Já disse mais de cem vezes a mim que não tremesse e tremo. Desde que ouvi aquelas pancadas que comeci a sentir um calafrio danado.²⁸

Essa perspectiva de terror e pavor do demônio muito se desenvolveu na Idade Média. Segundo Câmara Cascudo, o diabo *brasileiro* é absolutamente mal e a personificação de tudo que é ruim, uma vez que na perspectiva europeia poderia ainda existir bons demônios.²⁹ Diante disso muitas superstições floresceram acerca do diabo e seu séquito demoníaco, cujo interesse maior era trazer o mal as pessoas.

Mas, por outro lado, o diabo também é visto como um ser *ludibriável*. Muitas vezes descrito como um ser quase ingênuo. Como descrito por Câmara Cascudo, o diabo é, no imaginário popular nordestino, alguém que vira e mexe é passado para trás por espertos

²⁷ SUASSUNA, 2005.

²⁸ SUASSUNA, 2005, p. 141-142.

²⁹ CÂMARA CASCU DO, 2005, p.194.

sertanejos o enganam, fazendo-o objeto de sátira e gracejos.³⁰ Isso pode ser percebido no seguinte trecho:

JOÃO GRILO, ao sacristão: Homem, que esse sujeito aí deve ser pior do que você, deve, mas você tinha uma ruindade bem apurada!

MANUEL: Silêncio, João, já lhe disse que não interrompesse.

JOÃO GRILO: O senhor me desculpe, mas a língua fica balançando na boca que chega a me dar uma agonia. Eu posso ouvir um safado desses dizendo que prestava e ficar calado?

MANUEL: Deixe a acusação para o colega dele.

SACRISTÃO: Colega?

MANUEL: É brincadeira minha, mas, depois que João chamou minha atenção, notei que o diabo tem mesmo um jeito assim de sacristão.

ENCOURADO: Protesto contra essas brincadeiras. Isso aqui é um lugar sério.

MANUEL: Calma, rapaz, você não está no inferno. Lá, sim, é um lugar sério. Aqui pode-se brincar.³¹

Ou ainda:

MANUEL, ao Encourado: Anote aí negação do livre arbítrio contra João.

ENCOURADO: Está anotado.

MANUEL: Pois desanote. Não está vendo que é brincadeira? João sabe lá o que é livre arbítrio, homem?³²

O diabo de Suassuna, portanto, traz esse aspecto ambíguo, reflexo da teologia popular que é o seu pano de fundo. Porém, o que fica mais evidenciado é que o diabo pode ser sacaneado. Todos os sacaneiam e dele riem toda vez que há oportunidade. Sobre isso concorda Nogueira:

O diabo popular é uma personagem familiar, às vezes benfazeja, muito menos terrível do que o afirma a Igreja, e pode ser, inclusive, facilmente enganado. A mentalidade popular defendia-se, desse modo, da teologia aterrorizante – e muitas vezes incompreensível – da cultura erudita.³³

Contudo, do diabo, todas as almas do tribunal tremem e dele correm. E o pavor do inferno é igualmente o pavor do demônio. Porém, diante de todo esse pavor, há uma esperança própria dos sertanejos de Suassuna, que é um reflexo da concepção popular, que sempre haverá quem os livre das astúcias e maldades do demônio. Há uma esperança que, a despeito dos seus malogrados erros e de todos os defeitos, a balança penderá para

³⁰ CÂMARA CASCUDO, 2005, p. 195.

³¹ SUASSUNA, 2005, p. 154-155.

³² SUASSUNA, 2005, p.157-158.

³³ NOGUEIRA, 2002, p. 99.

misericórdia divina. O demônio jamais efetivará o mal sobre os homens, porque por eles está *Nosso Senhor e Nossa Senhora*.

A Compadecida: o Santo

Para completar a trinca medieval, eis que surge a Virgem Maria. Este é um ponto divergente entre as teologias católica romana, católica ortodoxa e protestante, este ponto se chama Mariologia ou, como denomina Ott, *o Tratado sobre a Mãe de Deus*.³⁴ O significado e o lugar da Virgem na obra redentora de Jesus Cristo não é um consenso entre os três grandes ramos do cristianismo.

No desenvolvimento das controvérsias cristológicas dos séculos IV e V, ora a natureza divina de Cristo fora rigorosamente questionada ora a natureza humana fora duramente criticada. Desta forma, a clausula – *nasceu da virgem Maria* – dos cânones de Niceia precisou ser revista no Concílio de Éfeso, em 431, com a finalidade de determinar confessionalmente a verdadeira humanidade e verdadeira divindade de Cristo e, conseqüentemente, a verdadeira maternidade de Maria no acréscimo da expressão grega θεοτόκος [lit. *theotokos*], isto é, “*portadora de Deus*”, que deveria designar a origem de verdadeira humanidade do Deus Encarnado.³⁵ Sobre isso afirma o teólogo ortodoxo Pomazansky:

O dogma do Filho de Deus tornar-se homem é intimamente ligado à denominação da Santíssima Virgem Maria como Theotokos (Parideira de Deus). Por esse nome a Igreja confirma sua fé que Deus o Verbo tornou-se homem verdadeiramente e não meramente em aparência; a fé que, na pessoa do Senhor Jesus Cristo, Deus juntou-se ao homem desde o primeiro instante de Sua concepção no ventre da Virgem Maria, e que ele sendo perfeitamente homem, é também perfeitamente Deus.³⁶

O conceito de *theotokos* é o único ponto que todos os ramos da cristandade têm em comum, o qual concede à Virgem sua dignidade. Embora, aja uma grande disputa sobre o significado desse título. Mesmo assim, as divergências acerca de Maria tomam outros rumos.

As igrejas de tradição luterana e calvinista reconhecem a dignidade de Maria, bem como a sua *bem-aventurança* (Lc. 1.48). Por exemplo, em suas Institutas, João Calvino (1509-1564) fez duas referências à Virgem. Numa delas, explicando sobre o posicionamento reformado acerca da Eucaristia, o reformador se referiu a ela como “a santa virgem”.³⁷ Esse termo que se repete em sua Harmonia dos Evangelhos, principalmente no comentário

³⁴ OTT, 1966, p. 310.

³⁵ OTT, 1966, p. 310.

³⁶ POMAZANSKY, M. *Teologia Dogmática Ortodoxa*. Disponível em: <http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/teologia_dogmatica_p.htm#_Toc36988403>. Acesso em 23 de outubro de 2012.

³⁷ CALVINO, Juan. *Institucion de la Religion Cristiana, tomo II*. Rijswijk: FELIRE, 1999, p.1094 (III:xvii:25).

do Evangelho de Lucas, na qual Calvino se refere onze vezes à Maria com a mesma expressão.³⁸

Essa santidade da qual Maria é revestida por Calvino, tem a ver com o seu estado final, isto é, por já gozar das bem-aventuranças do céu e da salvação. Maria estaria num estado de santidade igual a qualquer outro cristão ou cristã. Neste caso, os protestantes comungam com os católicos ortodoxos, que a Virgem Mãe "nasceu sujeita ao pecado de Adão junto com toda a humanidade, e com ela partilhou da necessidade de redenção",³⁹ condição que conflita com a teologia católico-romana, como pode ser percebido nos dogmas da *Imaculada Conceção* e da *Assunção de Maria em Corpo e Alma*⁴⁰ – embora ortodoxos e latinos concordem com a veneração à Santa Virgem.

Desta forma, o papel da Virgem na redenção ganhou, ao longo da história da cristandade e por meio de um tratado da religiosidade popular, nuances divinas e sua veneração passou a fazer parte sempre presente nas devoções populares de muitas comunidades cristãs, principalmente na Idade Média.

No Brasil, cuja religiosidade majoritária é o catolicismo romano, a devoção à virgem Maria se confunde com a própria identidade do devoto, como afirmou Cipolini:

A devoção a Maria é elemento qualificador da genuína piedade da Igreja no Brasil, e podemos afirmar que a experiência mariana pertence à identidade própria de nosso povo. Sem dúvida podemos afirmar que a piedade mariana foi com frequência, e ainda o é, um vínculo resistente que conservou fiéis à Igreja setores que não contavam com atenção pastoral adequada.⁴¹

A devoção mariana no Brasil, em geral, está ligada a dois elementos simples a veneração as suas imagens, isto é, as diversas devoções ou invocações de Maria, e.g., Nossa Senhora *Aparecida, das Graças, de Guadalupe, do Perpétuo Socorro*, etc., e as orações marianas. Dessas últimas, a mais conhecida é a Ave Maria:

Ave Maria, cheia de graça o Senhor é convosco! Bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém!

³⁸ CALVIN, John. *Commentary on Matthew, Mark, Luke, vol.1*. In: The John Calvin Collection. AGES Software: Albany: Version 1.0, 1997. [CD-ROM].

³⁹ POMAZANSKY, 2012.

⁴⁰ Esses dois dogmas foram declarados respectivamente em 1854, pelo papa Pio IX, e em 1950, pelo papa Pio XII. Sobre isto ver: OTT, 1966p.

⁴¹ CIPOLINI, Pedro Carlos. *A devoção Mariana no Brasil*. In: Teocomunicação. Porto Alegre, v.40, n°1, pp.36-43, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/7774/5519>>. Acesso em 12 de novembro de 2012.

Seguida da oração chamada *Salve Rainha*, que mesmo rezada uma única vez no terço, é um marco na devoção católico-romana à Virgem – ouvi de um frade capuchinho que essa mesma prece tem um lugar todo importante nos eventos derradeiros da vida:

Salve Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, Salve. A vós bradamos degradados filhos de Eva, a vós suspirando, gemendo e chorando, nesse vale de lágrimas, eia, pois, Advogada nossa, esse vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois desse desterro mostrai-nos Jesus Cristo, bendito é o fruto do vosso ventre. Oh clemente, oh piedosa, oh doce e sempre Virgem Maria. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém!⁴²

Nesta oração, a Virgem ganha títulos bem perceptíveis no *Auto da Compadecida* como *mãe de misericórdia, advogada, clemente e piedosa*. Também, por outro lado, descreve o lugar e a condição da humanidade que a ela se volta – “degradados filhos de Eva, que por ela suspiram gemem e choram”. Essa última condição é claramente a condição do pobre sertanejo, abandonado por toda sorte, esquecido pelo poder político e até mesmo do eclesiástico – essa ideia é evidente quando os bispos e o padre são apontados como gananciosos e de possuidores de outros pecados, os quais eram por vezes servidos em valorizar o rico em detrimento dos pobres.

Saindo do teológico e retornando ao popular, é necessário voltar ao A COMPADECIDA É uma boa solução, meu filho. Dá para eles pagarem o muito que fizeram e assegura a sua salvação, palco de Suassuna. Nele a Compadecida que “ocupa o centro da dogmática popular [católica]”,⁴³ aparece exercendo a sua tarefa de “medianeira de todas as graças” para as miseráveis almas que se encontram no julgamento derradeiro. Este lugar é ocupado por um motivo bem simples: pelo fato dela ser *gente de verdade*, segundo a fala de João Grilo:

JOÃO GRILO (ao Encourado): Está vendo? Isso aí é gente e gente boa, não é filha de chocadeira não! Gente como eu, pobre, filha de Joaquim e de Ana, casada com um carpinteiro, tudo gente boa.

MANUEL: E eu, João? Estou esquecido nesse meio?

JOÃO GRILO: Não é o que eu digo, Senhor? A distância entre nós e o Senhor é muito grande. Não é por nada não, mas sua mãe é gente como eu, só que gente muito boa, enquanto que eu não valho nada.

A Virgem, na verdade, é invocada como o trunfo maior, uma vez que outros santos também são chamados pelas almas de Taperoá. A invocação em si já se configura em algo bem *popular*. É próprio de uma religiosidade que se formula dentro do imaginário

⁴² A oração da Salve Rainha é uma devoção que remota a Idade Média e é atribuída a vários nomes da piedade cristã desse período, incluindo Bernardo de Claravaux. No entanto, é impossível precisar sua autoria.

⁴³ CODINA, Víctor. *Credo oficial e credo popular: A propósito da centralidade de Maria na fé popular*. In: *O Credo dos Pobres*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 37.

do grupo e da cultura. É algo passado literalmente de mãe para filho. É tão *popular* que o próprio demônio, em seu estranho senso de respeito, condena os versos declamados por João Grilo: *Vá vendo a falta de respeito, viu?*

JOÃO GRILO: Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso.

Garanto que ela vem, querem ver?

Valha-me Nossa Senhora,

Mãe de Deus de Nazaré!

A vaca mansa dá leite,

A braba dá quando quer.

A mansa dá sossegada,

A braba levanta o pé.

Já fui barco, fui navio,

Mas hoje sou escaler.

Já fui menino, fui homem,

Só me falta ser mulher.

JOÃO GRILO: Falta de respeito nada, rapaz! Isso é o versinho de Canário Pardo que minha mãe cantava para eu dormir. Isso tem nada de falta de respeito!

Já fui barco, fui navio,

Mas hoje sou escaler.

Já fui menino, fui homem,

Só me falta ser mulher.

Valha-me Nossa Senhora,

Mãe de Deus de Nazaré.⁴⁴

João Grilo via, no seu verso, "um chamado especial". Tão especial que havia plena garantia que a Compadecida viria ao encontro dele e de seus companheiros defuntos. Isso demonstra certa familiaridade com a Santa. Familiaridade que é muito comum no sentimento da religiosidade popular. O santo fazia parte do cotidiano do homem simples. Era quase da família. Tanto, que quando o Encourado considera o versinho desrespeitoso, a resposta do Grilo sugere que não havia nenhum desrespeito, porque dentro da experiência religiosa familiar havia comprovação da eficácia desse verso-oração à Virgem. *A experiência religiosa* é o que legitimaria a religiosidade popular.

É evidente que essa familiaridade também concede possibilidade ao devoto. A possibilidade de barganhar com o santo é algo bem conhecido na devoção popular. Um

⁴⁴ SUASSUNA, 2005, p.169-170.

exemplo são os castigos impostos aos santos. Típico eram as imagens de santo Antonio, o casamenteiro junino, a qual traz no seu colo o menino Jesus. Em algumas dessas imagens, o menino Jesus poderia ser tirado do colo do santo e somente era devolvido depois que o santo alcançasse a graça pedida. Em *O Auto da Compadecida*, João Grilo dá à virgem Maria as orientações daquilo que seria um estratagema jurídico para ele conseguir ao menos o purgatório.

JOÃO GRILO: Para o purgatório? Não, não faça isso assim não (Chamando a Compadecida à parte). Não repare eu dizer isso mas é que o diabo é muito negociante e com esse povo a gente pede o mais para impressionar. A senhora pede o céu, porque aí o acordo fica mais fácil a respeito do purgatório.

A COMPADECIDA: Isso dá certo lá no sertão, João! Aqui se passa tudo de outro jeito! Que é isso? Não confia mais na sua advogada?

JOÃO GRILO: Confio, Nossa Senhora, mas esse camarada [o diabo] enrolando nós dois.

Desta maneira, é possível observar que os santos, principalmente, a Santíssima Virgem, estão presentes na religiosidade e na teologia popular justamente pela facilidade de entendê-los e adequá-los as necessidades de um povo simples e carente de uma instrução mais profunda, a qual muitas vezes também não é garantia de uma compreensão correta dos mistérios cristãos. Isso fica muito claro para mim, como ministro protestante, que nem sempre a tentativa de ensinar uma teologia oficial garante a não reelaboração pessoal e popular daquilo que fora tentado ensinar.

A facilidade das elaborações santoriais pela teologia popular supre essa deficiência. A familiaridade com o sagrado por essa via, dá ao homem simples uma tranquilidade e segurança para lidar com suas demandas temporais e eternas. Uma vez suprida suas tenções essenciais, as demandas diárias da existência meio que desaparecem diante dele, quase como magia, porquanto, a sua simples devoção satisfaz as exigências do cuidado diante de todos os males.

Um adendo: O aspecto sacramental na teologia popular no Auto da Compadecida.

O lugar e a função sacramental também são enormemente valorizados pela religiosidade popular católica. Algo que Laura de Mello e Souza apresentou sobre essa religiosidade do período colonial é o grande apego aos elementos externos da religião.⁴⁵ E não há nada mais externos no cristianismo que os sacramentos. Um sacramento, segundo a teologia católica, é "uma coisa sensível que por instituição divina tem a virtude de significar e operar a santidade e justiça".⁴⁶ Isso significa que os sacramentos, tais como

⁴⁵ SOUZA, 2005, p.323.

⁴⁶ OTT, 1966, p.487.

compreendidos pela teologia católica, são capazes de apontar e produzir a graça santificante sobre aqueles a quem é aplicado determinado sacramento. No texto de Suassuna, o sacramento explícito é o da *penitência*, presente no ato da absolvição *condicional* dada pelo Frade.

A COMPADECIDA: Um momento, meu filho. Antes de dizer qualquer coisa, não se esqueça de que o frade absolveu a todos condicionalmente e rezou por eles.

Embora, a absolvição aqui se trate da *condicional*, isto é, que se usa para os casos em que o confessor tem sérias dúvidas sobre as disposições do penitente.⁴⁷ Deve-se ter em mente que o sacramento da penitência está condicionado as disposições internas e exteriores daqueles que recebem esse sacramento.⁴⁸ O fato é que o sacramento foi aplicado às ansiosas almas de Taperoá no momento imediatamente anterior às suas mortes. E isso é importante.

A decisão de Manuel, mesmo que influenciada por João Grilo, é a mais acertada. Enviá-las ao purgatório, nas palavras da Compadecida:

A COMPADECIDA: É uma boa solução, meu filho. Dá para eles pagarem o muito que fizeram e assegura a sua salvação.

O lugar do arrependimento e da purgação. O lugar de vivenciar o arrependimento penitencial do sacramento. O purgatório tem essa ideia e função. É interessante notar que a mentalidade popular reconhece tão facilmente a necessidade do purgatório. A incapacidade humana de uma vida segura e impecável é clara. Assim, todos os meios da divina misericórdia poder se estender sobre aqueles que passam pela vida, sempre serão bem-vinda por aqueles que assim esperam.

A percepção sacramental, mediada pela Igreja, se torna uma base segura e a segurança em si para aqueles que assim creem. Suassuna, desta maneira, demonstra que o mundo e as suas grandes demandas são simplificados. A teologia popular, portanto, traduz a complexidade da teologia oficial para algo mais palatável.

Considerações Finais

O homem simples demanda uma religiosidade igualmente simples. E não existe nada mais complicado do que tentar explicar para alguém o que vem a ser o Deus, tal como o mesmo é compreendido dentro da dogmática cristã. Por mais simples que seja o modo que um *homem da Igreja* tente apresentar as minúcias da divindade, o *homem simples*

⁴⁷ ABSOLVIÇÃO. Disponível em:

<[http://www.ourladyoffatimachurch.net/ENCICLOPEDIA\(A\)ABSOLVICA0.PDF](http://www.ourladyoffatimachurch.net/ENCICLOPEDIA(A)ABSOLVICA0.PDF)>. Acesso em 14 de agosto de 2015.

⁴⁸ OTT, 1966, p.513-514.

sempre precisará destilar esse conjunto de informações e conceitos do seu próprio modo. Porquanto, as categorias que esse homem simples tem é proporcional à sua simplicidade. São as categorias nas quais ele absolver e reinterpreta a sua crença e fé. O destilar disso é sua releitura teológica, sua teologia popular.

Essa produção teológica encontra-se presente na religiosidade popular cristã brasileira. Seja ela católica ou ainda protestante. De um modo ou de outro os três elementos sempre estarão presentes no imaginário Deus e seus intermediários, os santos – estejam vivos ou mortos – contra o diabo e seus demônios. Suassuna demonstra isso através de toda essa obra.

Toda moralidade pretendida neste auto orbita em torno das categorias personificadas: o bem e o mal. O bem ideal e o factível, opondo-se ao mal. O bem desejado pelo divino, mas que é inatingível ao homem comum. Mas esse bem, por outro lado, não se ressentido de não poder alcançar o ideal posto, mas que busca o factível, isto é, aquele que é realizável dentro dos limites meramente humanos. Por outro lado, o mal que é mau em si. O é sem categorias. O mal está em conflito com o bem em suas possibilidades. A religiosidade, portanto, não é o lugar do ideal, mas é o lugar do realizável.

Referências

ARAÚJO, J. D. Imagens de Jesus Cristo na Cultura do povo brasileiro. In: MARASCHI, Jaci (ed.). *Quem é Jesus Cristo no Brasil?* São Paulo: ASTE, 1974.

BAVINCK, H. *Teologia Sistemática*. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP, 2001, pp.244-245.

BERGSON, H. *O Riso: Ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

CALVIN, J. *Commentary on Matthew, Mark, Luke, vol.1*. In: The John Calvin Collection. AGES Software: Albany: Version 1.0, 1997. [CD-ROM].

CALVINO, J. *Institucion de la Religion Cristiana*, tomo II. Rijswijk: FELIRE, 1999.

CAMPOS, Heber Carlos de. *A Pessoa de Cristo: As Duas Naturezas do Redentor*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p.349.

CIPOLINI, Pedro Carlos. A devoção Mariana no Brasil. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v.40, nº1, pp.36-43, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/7774/5519>>. Acesso em 12 de novembro de 2012.

CODINA, Víctor. Credo oficial e credo popular: A propósito da centralidade de Maria na fé popular. In: *O Credo dos Pobres*. São Paulo: Paulinas, 1997.

- CUNHA, G.P. *Religiosidade e Protestantismo*. São Paulo: Editora Reflexão, 2012.
- GEERTZ, C. *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.
- GEORGE, T. *A Teologia dos Reformadores*. 2. Ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.
- GOUVEIA, Ricardo Quadros. *Um Rumor de Dragões: Os Monstros e os seres do Mal do Velho Testamento*. In: *Reflexus - Revista de Estudos Teológicos*. Vitória, v.1, nº1, 2007.
- JUNG, C.G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. *Obras Completas de CG. Jung*, vol. IX/I. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- MENDONÇA, A.G. *O Celeste Povir*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. p.205-206.
- MILEANT, A. *The Blessed Virgin Mary Fervent Defender of Christians*. Disponível em: <<http://www.fatheralexander.org/booklets/english/mary.htm>> Acesso em 10 de novembro de 2012.
- NOGUEIRA, C. R. F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru: EDUSC, 2002.
- OTT, L. *Manual de Teología Dogmática*. Barcelona: Heder, 1966.
- POMAZANSKY, M. Teologia Dogmática Ortodoxa. Disponível em: <http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/teologia_dogmatica_p.htm#_To36988403>. Acesso em 23 de outubro de 2012.
- REIS, C. *O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários*. 21. ed. Coimbra: Almedina, 2001.
- RIBEIRO, L.M.P. Mapeamento do Protestantismo Rural no lençol de cultura caipira brasileiro. In: *Cadernos CERU*. São Paulo: CERU/USP, Série 2, vol. 19, nº2, pp. 113-128, 2008.
- RUBENS, P. *O Rosto Plural da Fé: Da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer*. São Paulo: Loyola, 2008.
- SCHAFF, P. *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, Vol. III: Chamier – Draendorf. Grand Rapids: Baker Book House, 1952, p.460.
- SOUZA, Laura de Mello. *O Diabo a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- SUASSUNA, A. *O Auto da Compadecida*. 35. ed. Rio de Janeiro: AGIR Editora, 2005.
- TAVARES, B. Tradição popular e recriação no "Auto da Compadecida". In: SUASSUNA, A. *O Auto da Compadecida*. 35. ed. Rio de Janeiro: AGIR Editora, 2005.
- VASSALO, L. *O Sertão Medieval: origens européias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1993.